

**NUESTRA AMÉRICA: A CONSTRUÇÃO
DA IDENTIDADE IBERO-AMERICANA
NAS OBRAS DE CARLOS
OCTAVIO BUNGE**

IARA ANDRADE SENRA*
SECRETÁRIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO,
RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO, BRASIL

RESUMO

O presente artigo pretende discutir a proposta de identidade supranacional formulada pelo ensaísta argentino Carlos Octavio Bunge a partir de uma perspectiva de análise do discurso histórico, enfatizando a problemática da questão racial apontada pelo autor e suas ressonâncias nas relações sociais e políticas. Para tanto, explorou-se a obra *Nuestra América: Ensayo de Psicología Social* (1903) e, de maneira complementar, o artigo “Ética del Cristianismo”, publicado pela revista *Nosotros* (1907). Na primeira seção do texto, revisitou-se a vida e a obra de Bunge, autor que foi submetido ao esquecimento pela intelectualidade atual por perpetuar ideias raciais, que já não se sustentam mais. Não se intenciona, neste trabalho, negar a perspectiva preconceituosa de sua produção, mas indagar o quanto ela ainda pode persistir nas relações sociais e o quanto suas análises, concernentes ao caudilhismo, oferecem reflexões riquíssimas sobre a problemática da inserção do privado na esfera pública. Temáticas e problemas que ainda se fazem presentes na Ibero-América, acometendo o regime democrático. Nesse sentido, destacaram-se as análises bungeanas referentes às peculiaridades étnicas e suas repercussões sobre a identidade ibero-americana e sobre “la política criolla”.

Palavras-chave: raça; identidade; “política criolla”.

ABSTRACT

This article analyzes the project of supranational identity formulated by Argentine essayist Carlos Octavio Bunge, from a historical discourse analysis perspective, emphasizing the problematic of the racial issue pointed by the author and its resonances in social and political relations. Therefore, the book *Nuestra América: Ensayo de Psicología Social* (1903) will be explored and, in a complementary way, the article “Ethics of Christianity”, published by the magazine *Nosotros* in 1907. In the first section of the text, the life and work of Bunge was revisited, an author who was forgotten by the current intelligentsia for perpetuating racial ideas, which no longer hold. It is not the intention of this work to deny the prejudiced perspective of his production, but to ask how much it can persist in social relations and how much his analyzes, concerning caudillism, offer very rich reflections about the problematic of the insertion of the private in the public sphere. Issues and problems that are still present in Ibero-America, affecting the democratic regime. This way, in the following sections, we highlight Bunge’s analyzes regarding ethnic peculiarities and their repercussions on Ibero-American identity and on “la politica criolla”.

Keywords: race; identity; creole politics.

* Doutora em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: iaravr@hotmail.com

CARLOS OCTAVIO BUNGE: O AUTOR, O CONTEXTO E A OBRA

Bunge ha conquistado un posto de primera fila entre los escritores del continente y el tempo no hará sino aumentar el interés de estas valiosas meditaciones sobre la psicología de los hispanoamericanos (José Ingenieros, 1918).

A Ibero-América é um espaço de contradições, de lutas sociais, de histórias e de desigualdades econômicas, mas também de interesses comuns. A incessante busca por uma identidade converte-se em um desses intentos compartilhados por brasileiros, argentinos, peruanos etc. No decorrer do século XX, muitos foram os intelectuais que se lançaram na empreitada por uma construção identitária. O cubano José Martí escreveu *Nossa América* (1891), o nicaraguense Rubén Darío, *El triunfo de Caliban* (1898), o uruguaio José Henrique Rodó, *Ariel* (1900), o colombiano José Maria Vargas Vila, *Ante los bárbaros* (1902), o peruano Francisco García Calderón, *Las Democracias Latinas de América* (1912) e o brasileiro José Veríssimo destacou, em *Letras hispano-americanas* (1906), a afinidade cultural e histórica entre os países ibéricos e seus herdeiros.

Um ponto importante a ser destacado é que a identidade ibero-americana foi pensada em oposição à identidade saxônica estadunidense, pois, no final do século XIX e início do século XX, o imperialismo norte-americano batia à porta e supostas semelhanças foram construídas em prol de alianças que fariam frente aos ataques *yankees*. A guerra hispano-americana² aumentou essa polaridade. Regiane Gouveia salienta que o conflito despertou um debate, em que o “[c]entro das discussões na época não era a independência cubana, mas a oposição Espanha/Estados Unidos, latinos/anglo-saxões”³. À vista disso, uma representação identitária foi construída em oposição aos *yankees*. Conforme Carlos Jauregui destaca: “*La comprensión del momento se intentó nombrando la amenaza de diversas formas: utilitarismo, materialismo, barbarie, vulgaridad democrática, y oponiéndole el hispanismo en sus versiones moral, racial y lingüística*”⁴.

É notório que não só o imperialismo estadunidense causava medo, “[...] os Estados Unidos representavam perigo à nossa identidade que se desvanecia pela invasão do *americanismo*”⁵.

2 A Guerra hispano-americana foi um conflito ocorrido em 1898 entre a Espanha e os Estados Unidos, que culminou com a tomada de Cuba, Porto Rico e Filipinas pelos norte-americanos. Sob o pretexto de defender Cuba, que pretendia se tornar livre da feroz repressão espanhola, os Estados Unidos intervieram no conflito cubano-hispânico, contudo, seus reais interesses eram exercer o controle efetivo sobre a ilha, que, até então, era colônia espanhola. Para inflamar os ânimos, a guerra hispano-americana desenrolou-se num contexto mundial configurado pelos conflitos imperialistas, o que instigou ainda mais o receio norte-americano de perder suas áreas comerciais, bem como fomentou a ânsia por territórios no continente.

3 GOUVEIA, Regiane Cristina. *América Latina enferma: racismo e positivismo no pensamento político latino-americano em fins do século XIX e início do século XX*. 2016. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2016. p. 216.

4 JAUREGUI, Carlos. *Calibán, icono del 98. A propósito de un artículo de Rubén Darío*. Disponível em: <https://www.ensayistas.org/filosofos/nicaragua/dario/Jauregui.htm>. Acesso em: 3 out. 2019.

5 SENRA, Iara Andrade. *Identidade ibérica & democracia: a identidade étnica e sua relação com a modernidade em Carlos Octavio Bunge*,

Nesse sentido, Martí, Rodó, Darío, Veríssimo, Vila e Calderón lançaram veementes críticas à cultura e aos ideais estadunidenses, contrastando-os à idealista identidade ibero-americana. O argentino Carlos Octavio Bunge também foi personagem representativo desse grupo de intérpretes da realidade. Apesar de não se opor aos Estados Unidos como os ensaístas supracitados o fizeram, ao passo que o patamar civilizatório europeu/*yankee* era o alvo do autor, Bunge mostrou-se contrário à implantação da democracia aos moldes norte-americanos. Para ele, o regime democrático participativo era incompatível com a psiquê ibérica. Tal temática foi exposta em *Nuestra América: ensayo de Psicología Social*⁶ (1903), obra que, apesar do teor conservador, rendeu-lhe imenso prestígio.

Bunge⁷ nasceu em Buenos Aires em 1875, filho do imigrante luterano alemão Octavio Raymundo Bunge e de María Luisa Rufina Arteaga – família de alta posição social –, e faleceu na mesma cidade em 1918. Foi ensaísta, professor e jurista, cursou direito na *Facultad de Derecho de la Universidad* de Buenos Aires, graduando-se em 1897 com a tese intitulada “El federalismo americano”, ministrou aula de Ciências da Educação na Faculdade de Filosofia e Letras de Buenos Aires e Direito na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, além disso, contribuiu para a formulação do Código do Trabalho argentino de 1904. Contudo, destacou-se principalmente no campo educacional, assessorando o Estado durante o governo do presidente Julio A. Roca (1898-1904).

Segundo Gustavo Vallejo⁸, Bunge viajou para Europa em 1889, comissionado pelo presidente argentino e seu ministro Osvaldo Magnasco, experiência que inspirou a elaboração de obras de cunho filosófico, sociobiológico e pedagógico como: *El espíritu de la educación e Estudios filosóficos y pedagógicos* (1901), *Principios de psicología individual y social* (1903), *Nuestra América: Ensayo de Psicología Social* (1903) e, por fim, *Nuestra Patria*⁹ (1910).

Assim como o polêmico sociólogo brasileiro Oliveira Vianna¹⁰ foi mandado ao inferno especialmente por sua associação ao regime ditatorial do Estado Novo e pelos rótulos¹¹ que acumulou, Bunge também foi criticado e esquecido devido à sua produção racista. Contudo, nos últimos anos, alguns autores revisitaram suas obras, analisando as contribuições bungeanas

Francisco García Calderón e Sérgio Buarque de Holanda. Curitiba: Brazil Publishing, 2019. p. 34.

6 Para o presente artigo, utilizou-se a última edição de *Nuestra América*, publicada em 1918.

7 FERNÁNDEZ, Tomás; TAMARO, Elena. Biografía de Carlos Octavio Bunge. *Biografías y vidas*. La enciclopedia biográfica en línea, Barcelona, 2004. Disponível em: https://www.biografiasyvidas.com/biografia/b/bunge_carlos.htm. Acesso em: 21 fev. 2023.

8 VALLEJO, Gustavo. *El pensamiento latinoamericano del siglo XX ante la condición humana*. [S.l.: s.n.], 2004. Disponível em: https://www.ensayistas.org/critica/generales/C-H/peru/intelectualidad_peruana_tomol.pdf. Acesso em: 12 fev. 2019.

9 Escrita para celebrar o centenário da Revolução de Maio.

10 Ver CARVALHO, José Murilo de. A utopia de Oliveira Vianna. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 82-89, 1991. p. 83.

11 Racista, elitista, estadista, corporativista e reacionário.

para a área educacional, filosófica e política. Camila Grejo, em “Carlos Octavio Bunge e José Ingenieros: pensamento racial e identidade nacional na Argentina”¹², faz uma detalhada reflexão sobre a formação intelectual do ensaísta, analisando o contexto de sua escrita e as contribuições de *Nuestra Pátria* (1910) para a esfera educacional e identitária argentina. Já Oscar Terán, em *Carlos Octavio Bunge: entre el científico y el político*¹³, discute as contribuições bungeanas para a formação da identidade, destacando que a visão negativa do autor quanto ao futuro da Ibero-América foi relativizada pela teoria da “*ideodinamica*”, numa clara tentativa de solucionar os problemas do continente, negando as ideias e instituições vindas de fora, em especial a democracia.

Segundo Camila Grejo¹⁴, as duas últimas décadas do século XIX foram essenciais para o embasamento das obras de Bunge. Este, apesar de ser ainda muito jovem, viveu um período de euforia econômica e de plena fomentação intelectual.

A Argentina, na década de 1880, cresceu muito economicamente. O país tornou-se uma nação próspera, impulsionada pelo comércio bovino que atingiu o mercado internacional, chegando a exportar carne congelada graças à instalação dos primeiros frigoríficos estrangeiros. Converteu-se também em um dos maiores exportadores de trigo, milho e lã. Para tanto, investiu em ferrovias, com intuito de escoar as mercadorias. Com a campanha do deserto¹⁵, incorporou grandes porções de terras férteis, ampliando o quadro agrícola e ferroviário.

As cidades argentinas refletiam os ares da modernidade pela construção de parques e de edifícios. Buenos Aires, por exemplo, transformou-se num grande centro cosmopolita e, já no final do século XIX, contava com diversos meios de transporte, como metrô, trens e bondes; possuía telefones, cinemas, teatros, cafês e restaurantes frequentados pela elite política e intelectual idealizadora do projeto modernizador¹⁶.

A Argentina passou a ser vista como centro irradiador da modernização na América. Progredia economicamente, a imigração crescia, os intelectuais e políticos predicavam por grandes ideais patrióticos, o país tornava-se exemplo para as demais nações ibero-americanas.

No que se refere à esfera intelectual, a chamada geração de 1880¹⁷ exerceu ampla influência no meio político/educacional argentino, e Bunge não escapou de tal influência.

Conforme Grejo, o governo de Sarmiento (1868-1874) foi marcado pelo impulso direcionado à educação de tendência positivista, em nítida tentativa de construir uma

12 GREJO, Camila. *Carlos Octavio Bunge e José Ingenieros: entre o científico e o político*. Pensamento racial e identidade nacional na Argentina (1880-1920). Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2009.

13 TERÁN, Óscar. *Carlos Octavio Bunge: entre el científico y el político*. *Prismas: Revista de História Intelectual*, [s.l.], n. 2, p. 95-11, 1998.

14 GREJO, 2009.

15 Campanha militar que, sob as ordens do general e futuro presidente Julio Argentino Roca, dizimou os povos mapuche, tehuelche e ranquel. Tinha como objetivo obter o domínio territorial do Pampa e da Patagônia oriental, até então sob controle indígena.

16 GREJO, 2009, p. 27.

17 Elite pensante formada na Universidade de Córdoba e de Buenos Aires, eram membros da oligarquia, exerciam carreiras liberais e assumiram a responsabilidade de guiar o país em direção à modernidade.

identidade que primasse pelos princípios civilizatórios e pela superação da barbárie. As escolas positivistas dessa época influenciaram a chamada geração de 1880: grupo de intelectuais que se preocupou com a consolidação de uma identidade argentina e com o direcionamento do país rumo à modernidade.

Como um exemplo do empenho de Sarmiento na questão educacional, podemos citar a Escola Normal do Paraná, fundada por ele em 1870 que se constituiu em um dos focos irradiadores da filosofia positivista na Argentina. Levando-se em conta o perfil intelectual de seu fundador, o positivismo difundido pela Escola Normal do Paraná pode ser considerado como fruto das ideias civilizadoras de Sarmiento, que contrapunha o individualismo civilizado à política de massas bárbaras de Rosas e colocava o positivismo como a doutrina mais eficaz para educar¹⁸.

A geração de 1880 desprezava o primitivismo “criollo”¹⁹, associando-o aos atavismos espanhóis. Por isso, os membros dessa geração viam na imigração uma oportunidade para fomentar o desenvolvimento cultural e econômico argentino, dismantando as tradições “*criollas*”. Além do incentivo à imigração, propunham um projeto que previa a instalação de colonos imigrantes em pequenas propriedades agrícolas, das quais se tornariam proprietários. Propunham também uma reforma educacional. Dessa forma, Hebe Clementi considerou a geração de 1880 como a responsável “[...] por firmar as bases do ensino superior, por defender uma escola laica e obrigatória que estivesse apta para uma alfabetização massiva e uma argentinização acelerada”²⁰. Como Grejo argumenta, a influência da geração de 1880 foi tão expressiva que alcançou os intelectuais da década de 1920. No decorrer do presente trabalho, pretende-se avaliar a centralidade que a educação, a imigração e a crítica à herança ibérica – temáticas centrais para geração de 1880 – tiveram nos estudos de Bunge.

Esse é o caso de Carlos Octavio Bunge e José Ingenieros, que, influenciados pelas ideias *positivistas e biologistas* da geração anterior à sua, esboçavam o interesse de *criar uma identidade nacional para o país*. Em suas obras e textos é clara a alusão ao pensamento do final do século, por isso, os vemos como *herdeiros dos ideais de 1880*²¹.

O pensamento bungeano tinha como parâmetro ideológico o biologismo positivista: herança intelectual da geração de 1880. Apesar da força que a doutrina positivista tinha na Argentina até então, Bunge desenvolveu seus estudos num período em que a ideologia positivista era questionada na Europa e causava inquietações na América.

[...] una visión desencantada de la vida humana, por su sometimiento a las necesidades impiedosas del determinismo psíquico, psicológico y social, que aplasta al hombre

18 GREJO, 2009, p. 24.

19 Na América espanhola, o termo “*criollo*” era utilizado para designar os descendentes de espanhóis nascidos na América, em oposição aos chapetones, nascidos na Espanha. Apenas os chapetones podiam participar da administração colonial, fato que descontentava os “*criollos*”. Estes, apesar da riqueza que possuíam, não podiam participar da vida política.

20 CLEMENTI, Hebe. *Juventud y política en la Argentina*. Buenos Aires: Siglo XX, 1982. p. 131-132.

21 GREJO, 2009, p. 32, grifo nosso.

*bajo las leyes de la herencia, a la especie bajo las leyes de la evolución y al individuo excepcional bajo la ley del gran número afirmado por la democracia [...]*²².

Tais questionamentos quanto à funcionalidade do positivismo na Ibero-América suscitaram vacilações e adaptações no pensamento positivista bungeano, tendo em vista torná-lo aplicável numa América que era essencialmente idealista. É assim que Bunge mesclou positivismo com espiritualismo, criando uma doutrina interpretativa para a sociedade – denominada por ele de “*ideodinamica*”²³. Por conta desta mescla, Terán²⁴ qualificou-o como um dos representantes do giro idealista no país. Nessa miscelânea entre idealismo e positivismo, a vontade humana traçaria o norte para o progresso. Na concepção do autor, a *educação* fomentaria e nortearia ideias que se converteriam em ação – *trabalho*. Logo, o progresso seria conquistado no porvir.

Segundo Bunge, a educação cumpria dois papéis centrais: alcançar o sonhado progresso e formar a identidade ibero-americana. O autor argumentava que não existia uniformidade étnica, política, linguística e religiosa na Ibero-América, por isso, a uniformidade viria pelas ideias, e a educação seria pedra de toque para a concretização de tal intento. O amor e a uniformidade deveriam ser inculcados pelo Estado, assim como este deveria propor tipos diferenciados de educação à elite e ao restante da população. Para a elite, uma educação voltada para a administração. Aos demais, uma educação de tendência tecnicista, voltada para formar mão de obra. Nesse ponto, conjuga-se no pensamento bungeano o afã modernizador – efetivado pelas políticas educacionais e pela formação obreira – e o desejo de uma sociedade hierarquizada. Educação e trabalho: eis os remédios para os “males da América Latina” na visão de Bunge. Daí, as duas máximas do autor: “Gobernar es educar”²⁵ e “Europeizarnos por el trabajo”²⁶. Temáticas intensamente discutidas em sua principal obra: *Nuestra América: ensayo de Psicología Social*.

É importante ressaltar que, em *Nuestra América*, Bunge fez uma análise comparativa entre os diversos países que compunham a Ibero-América, buscando melhor compreender os males que cortavam o continente. Ou seja, traçando similitudes e diferenças, o autor destacou as peculiaridades argentinas, mexicanas e uruguaias, bem como as uniformidades entre tais

22 TERÁN, Oscar. Carlos Octávio Bunge: raza y nación. In: TERÁN, Oscar. *Vida intelectual en el Buenos Aires 'fin-de-siglo' (1880-1910)*: derivas de la “cultura científica”. Buenos Aires: Ed. FCE, 2000. p. 147.

23 Lidando com uma visão pouco promissora quanto ao porvir da civilização ibero-americana, dado que, para ele, éramos considerados etnicamente inferiores, economicamente e politicamente inaptos à modernidade, Bunge desenvolveu uma teoria, qualificada por Terán (2000) de, no mínimo, bizarra. A teoria validava o pressuposto evolucionista – o patamar era o europeu –, destacando a inferioridade das raças e de nossa política, mas mesclava princípios idealistas, salientando que a vontade humana poderia mudar o triste quadro do continente.

24 TERÁN, 2000.

25 BUNGE, Carlos Octavio. *Nuestra América*. Ensayo de psicología social. 6. ed. Buenos Aires: Casa Vaccaro, 1918. p. 19.

26 BUNGE, Carlos Octavio. *Estudios filosóficos*. Buenos Aires: Casa Vaccaro, 1919. p. 15.

nações. Para o ensaísta, a preguiça e a arrogância eram atavismos étnicos comuns aos povos ibero-americanos. A primeira acometia o trabalho e, conseqüentemente, o progresso; a segunda corroborava a inaptidão democrática dos países de matriz ibérica. Obviamente o discurso de Bunge insere-se num contexto em que tradicionalismo e modernidade se chocavam. À vista disso, o autor tentou acomodar suas análises, buscando um caminho para o desenvolvimento sem sair do marco das tradições²⁷.

Segundo Vallejo, *Nuestra América* foi escrita num período conturbado, caracterizado pela “[...] eventualidad del ascenso de las masas en la joven Argentina de fin-de-siglo”²⁸. Por conseguinte, a historiografia recente tem relacionado o estudo conservador de Bunge ao seu pertencimento a um grupo aristocrático que se preocupava cada vez mais com tais conflitos.

Bunge não só se inquietou com o afã por ascensão social da população carente, mas também com o caudilhismo das elites. *Nuestra América* foi uma resposta à “*política criolla*”²⁹ e ao anseio das massas. Foi escrita numa clara tentativa de detê-las, de evidenciar sua incapacidade, de demonstrar os prejuízos que índios, negros e mestiços poderiam trazer se não educados e apartados da política.

Terán também descreve o contexto em que Bunge escreveu *Nuestra América*, destacando que o “*clima decadentista*” pairava em suas obras. O sentido da existência ameaçava ruir “[...] dentro de la más vasta inquietud promovida por la modernidad como generadora del desencanto de la secularización”³⁰. Na concepção de Bunge, a ciência tinha seus limites, pois, ao deslocar a religião, contribuía para fomentar uma crise na moralidade, não logrando colocar nada em seu lugar. O resultado: um pessimismo geral que levou Bunge, no prólogo de *Nuestra América*, a compartilhar sua tristeza ante o “estado desalentador” em que o continente se encontrava.

“*El fantasma de la degeneración*”, veiculado pelas teorias científicas, também contribuiu para desestimular ainda mais a crença num futuro promissor para a Ibero-América. Não só indígenas e negros eram tidos como inferiores, mas também ibéricos e latinos. Segundo Bunge, parecia não haver solução para esse “estado desalentador” em que a Ibero-América se encontrava. Contudo, em *Nuestra América*, o autor se propõe a encontrar a “luz no fim do túnel”.

Para ele, tal estado poderia ser mudado, caso os governantes implementassem as medidas que apontava como primordiais para curar os “males da América Latina”. Conforme Bunge, a

27 BUNGE, 1918.

28 VALLEJO, 2004, p. 2.

29 Para Bunge, a “*política criolla*” tratava-se de manobras políticas conduzidas pelos caudilhos, “*los caciques*”, tendo como origem e força matriz a arrogância e a camaradagem.

30 TERÁN, 1998, p. 97.

Argentina, ao aplicar os estudos promovidos pelo ensaísta, seguia desenvolvendo-se e tornava-se exemplo para os demais países.

Sentía me descontento de mí mismo, del medio que respiraba, de la época en que vivía. Buscaba con ansia un nuevo paliativo a mis desilusiones [...] Entonces, [...] se me presentó la antigua Egeria [...] la ninfa [...] y me dijo: [...] Solo se quejan los débiles, los fuertes obran. Estudia tu patria, analízala, compárala y verás que se hay malos, hay asimismo buenos rasgos en su psicología... Extiéndela como un cadáver [...] De la autopsia sacarás inducciones útiles [para encontrar] algún diagnóstico para que atienda a sus dolencias. [...] Pues bien, poco después de publicarse este libro, dictaba la ley electoral de 1910, han mejorado de manera tan notable dichas costumbres, que la Argentina se puede hoy presentar a las demás repúblicas hispanoamericanas como un modelo de democracia³¹.

Sendo assim, já na introdução de *Nuestra América*, Bunge expôs o principal objetivo da obra: relacionar os atavismos raciais aos sucessivos fracassos da “política criolla”, logrando encontrar formas para saná-los.

El objeto que diría práctico de esta obra es escribir, con todos los vicios y modalidades, la política de los pueblos hispanoamericanos. Para comprenderla, debo antes penetrarme de la psicología colectiva que la engendra. Y, para conocer esta psicología, analizo previamente las razas que componen el criollo³².

Bunge realizou as últimas revisões³³ em *Nuestra América* no ano de 1918, vindo a falecer em maio do mesmo ano. Apesar de suas generalizações e de suas declarações dogmáticas, a obra teve grande difusão e repercussão nos círculos de cultura hispano-americana da época. O peruano Francisco García Calderón foi um dos autores a destacar a importância do intelectual argentino, bem como as suas falhas de análise. No Brasil, as obras de Bunge foram e ainda são pouco conhecidas. Excetuando Camila Grejo, Bunge só é lembrado com o intuito de se enfatizar o quanto foi um autor racista. Sendo assim, quando seu pensamento é “analisado”, o destaque frequentemente recai sobre seu discurso preconceituoso. Não negando tais prerrogativas, *Nuestra América* apresenta outras análises importantes, como a discussão sobre a herança ibérica, sobre a democracia e a crítica ferrenha ao caudilhismo. Ao rejeitar toda a obra de Bunge, corre-se o risco de invalidar contribuições significativas que foram produzidas em conexão com os problemas e conflitos ideológicos de sua época. Por fim, destaca-se que, de “cara nova”, os problemas apontados por Bunge – preconceito racial, anseio por governantes personalistas³⁴ e defesa da incapacidade popular – ainda são recorrentes na Ibero-América e acometem a construção de uma sociedade que, realmente deseja a democracia.

31 BUNGE, 1918, p. 40; 46.

32 BUNGE, 1918, p. 49.

33 Ocorrem modificações não tão substanciais nas demais edições de *Nuestra América*. A edição *Princeps* destacava-se por seu teor estritamente biológico. Após diversas críticas, Bunge, nas demais edições, conjugou determinismo racial com determinismo geográfico, obviamente a essência biologista da obra permanece.

34 Elite política que colocou os interesses pessoais acima dos interesses na nação. Caracterizava-se pela “generosidade” com aqueles que acatavam suas ordens e pela violência para com aqueles que não estivessem tão dispostos a obedecê-los. Bunge os chama de caudilhos.

A HERANÇA IBÉRICA: “LA ARROGÂNCIA” E SUAS RESSONÂNCIAS SOBRE A IDENTIDADE NACIONAL

La principal característica de la nación española como de las kábilas del Atlas, es la falta de solidaridad (Carlos Octavio Bunge, 1918).

A Teoria da América proposta por Carlos Octavio Bunge centra-se na análise das ressonâncias raciais sobre a política, a economia e as relações sociais. O autor assevera que a América Hispânica se assemelhava a uma Torre de Babel racial³⁵. Nela, a diversidade e as dissonâncias étnicas ressoavam na psicologia nacional, complicando-a ainda mais com a mestiçagem.

O ensaísta apontou três características conformadoras do “espírito da raça”: a arrogância de origem espanhola, a tristeza de origem indígena e o servilismo negro. Atavismos que, misturados, originariam a principal característica “*criolla*”: a preguiça. Para Bunge, a preguiça, “*la pereza criolla*”, era uma “qualidade parental” responsável pela falta de imaginação da elite, pela propensão ao caciquismo na política e, sobretudo, pelo desprezo pelo trabalho. Trabalho é progresso, afirmava Bunge, indolência é decadência³⁶. Logo, na concepção do autor, não só negros e índios eram tidos como inferiores, mas também a herança ibérica foi destacada como um atavismo a ser superado.

Segundo Bunge, apesar das diversas contradições da psiquê coletiva hispânica, havia um fio condutor, uma característica dominante entre os ibéricos: “*la arrogância*”, a “*Cualidad madre ibérica*”. Por meio de uma alegoria de criação, o autor descreveu as particularidades psicológicas legadas por Deus a determinados países europeus. A Espanha caracterizava-se pela soberba, e os ibero-americanos seriam herdeiros desse espírito arrogante.

Cuando Dio creó el mundo, dice Gracián, encarceló todos los males, culpas y vicios, en una caverna [...] Echó las puertas [...] y entrego las llaves al albedrío del hombre. La mujer siempre curiosa [...] abrió la puerta. Al instante salieron en tropel los prisioneros. “La soberbia [...] topo con la España [...] y allí reina con todos sus aliados, la estimación propia, el desprecio ajeno, el querer mandarlo todo, y servir nadie [...] el brío, con todo género de presunción [...]”³⁷.

Em *Nuestra América*, Bunge analisou a formação do povo espanhol, imersos em lutas em defesa de seu território, fato que teria gerado um povo híbrido de personalidade combativa. “*En efecto, las tres grandes penínsulas del Mediterráneo – Grecia, Italia y España -, han tenido que luchar continuamente contra invasiones extranjeras, pues fueron siempre aseguibles y codiciadas, por la extensión de sus costas indefensas, [...]”³⁸.*

35 Cf. BUNGE, 1918, p. 115.

36 Cf. BUNGE, 1918, p. 201.

37 BUNGE, 1918, p. 108.

38 BUNGE, 1918, p. 59.

Para o autor, a geografia influenciava a formação psicológica isolacionista/arrogante do espanhol em dois sentidos: a) num sentido interno, posto que a península ibérica era composta por diversos povos diferentes (catalães, aragoneses, valencianos, semiárabes etc.), que nutriam antipatias, fato que acometia a formação de um sentimento de pertencimento, e b) num sentido externo, visto que a geografia era a responsável por uma coesão contra o inimigo externo; contudo, esta coesão era apenas aparente, pois fomentava também a ampliação do espírito combativo, da valorização pessoal, do bastar-se por si próprio.

Su vida era, pues, una continua lucha, que solo podía sostener un apasionado culto del valor. El valor, la heroicidad, se hizo una costumbre, una secreción de los iberos; secreción con la que ellos se formaron, como ciertos moluscos, una concha protectora, dura y espinosa. Este crónico estado de defensa contra el ataque exterior les dio potente espíritu de acometividad; su combatividad, largamente ejercitada, se tornó agresiva... Reforzaban la defensa con la ofensa – Así tenemos que una fatalidad geográfica impone a los españoles una fatalidad psíquica³⁹.

Fatalmente, esse culto ao valor individual e heroico promoveu organizações societárias restritas, localistas que dificultaram a formação de solidariedades nacionais. A arrogância impedia uma união ampla e eficaz que realmente os protegesse das guerras. Exemplificando tal afirmação, Bunge salientou que a falta de solidariedade étnica/nacional levou os espanhóis a sucumbirem aos ataques romanos:

Y es de notar que, tanto como en la combatividad conquistadora española, hay arrogancia en su localismo, y que si en aquella esa arrogancia puede ser palanca de grandeza, en este lo es, ¡oh furor suicida! De decadencia y muerte. [...] La falta de solidaridad étnica o nacional, el aislamiento y las guerras locales de los distintos pueblos de la península hicieron posible una conquista que, de otro modo, ningún poder humano hubiera acaso realizado (Conquista romana sobre a Espanha)⁴⁰.

Nesse sentido, a arrogância, e o espírito combativo, marcou o comportamento particularista e regionalista hispânico, ou seja, tanto a diversidade dos muitos grupos que habitavam a península ibérica quanto a agressividade fomentada com as constantes guerras impediram a formação de laços unificadores e societários no espanhol.

Segundo Bunge, em vão instituições unificadoras trabalharam com intuito de desmantelá-las. Seis séculos de dominação romana e três séculos de implantação de uma política de unificação religiosa – adotados pelos reis católicos Fernando e Isabel – não foram eficazes na tentativa de extirpar a principal característica nacional: *a falta de solidariedade*.

Impone la geografía a los pueblos de la península, a más de la heroicidad como rasgo general y colectivo de todos ellos, un marcado espíritu de aislamiento y de particularismo, en cada uno de ellos. Por esto se ha dicho que “la principal característica de la nación española, como de las kábilas del Atlas, es la falta de solidaridad”⁴¹.

39 BUNGE, 1918, p. 60, grifo do autor.

40 BUNGE, 1918, p. 61.

41 HUME *apud* BUNGE, 1918, p. 60, grifo do autor.

É perceptível que, para Bunge, essa falta de solidariedade e esse espírito localista e regionalista inspirados pela geografia e pela raça acarretaram grandes malefícios, acometendo a unidade nacional e corrompendo a política. Importunamente, para o autor, tais comportamentos psicológicos foram transplantados para América com a colonização espanhola. “*Pues aún lleva la raza dentro de sus venas, en Europa como en América, ese espíritu regionalista y regionalista que se diría su genio maléfico*”⁴².

O PROBLEMA DA “RAÇA”

Además, el alcoholismo, la viruela y la tuberculosis – ¡benditos sean! – habían diezmando a la población indígena y africana de la provincia capital- Buenos Aires-, depurando sus elementos étnicos, europeizándolos, españolizándolos (Carlos Octavio Bunge, 1918).

Em *Nuestra América*, Bunge analisou a mentalidade espanhola, fruto de um processo histórico de guerras, elegendo a *arrogância* como qualidade-mor da identidade hispânica. Dela derivaram-se as principais características da população ibero-americana. Apesar do aspecto central que a identidade ibérica toma para o autor, Bunge também discutiu os atavismos étnicos negros, indígenas e mestiços. “*Fatalismo y ferocidad*”, na concepção do autor, era uma das peculiaridades dos índios, “*servilismo y maleabilidad*” dos negros, “*Hiperestesia de la ambición*” dos mulatos, e “*la enarmonía psicológica, la semiesterilidad degenerativa y la falta de sentido moral*” dos mestiços⁴³. Logo, sua concepção de identidade para a Ibero-América não era uma das mais promissoras.

Como era típico entre a intelectualidade hispano-americana da época, Bunge defendeu a superioridade ibérica quando comparada às demais etnias. Contudo, para o autor argentino, a altivez e a benevolência hispânica se degeneravam com a latinização dos costumes. Em Bunge, a tradição ibérica é repudiada a partir do momento em que se latinizou e se africanizou, ainda na Península Ibérica. “[...] cuando [el carácter original] fue hibridizado [proceso de latino-arabización], [...] se teologizó y uniformó el pueblo, y llegó[...] la hora de la decadencia...”⁴⁴.

A inquisição na Europa foi a responsável por transformar a altivez e o espírito autônomo hispânico em submissão cega. Bunge afirmou que para frear as tendências anárquicas de um povo arrogante, a coroa tentou manter a unidade por meio do catolicismo. Era necessário “*Despersonalizarlos, es decir, uniformarlos*”⁴⁵, e não havia outra forma, senão pela imposição

42 BUNGE, 1918, p. 61.

43 Cf. BUNGE, 1918, p. 121.

44 BUNGE, 1918, p. 111

45 BUNGE, 1918, p. 69-70.

da “[...] uniformidad de creencias... por la fuerza, por el terror, por el mismo fuego del infierno, sin el fuego del infierno era necesario”⁴⁶.

Para o autor, os métodos violentos e a censura do Santo Ofício tinham degenerado a raça ibérica física e moralmente. Em relação aos aspectos físicos, a Inquisição “[...] estigmatizó y proscribió las ciencias [eso porque] consideraba concupiscente y pecaminoso el cuidado con el cuerpo, incluso, las abluciones, que preconizaba la religión islamita”⁴⁷. Logo, a Inquisição contribuiu para degeneração física, por favorecer atitudes anti-higiênicas e por tolher os avanços científicos, afetando, respectivamente, na concepção de Bunge, a saúde do povo e o processo de industrialização na Espanha. Em relação aos aspectos morais, a submissão religiosa promovida pela Inquisição preparou o caminho para resignação política. “Esta sumisión y disciplina [...] trajeron como lógica consecuencia el despotismo político de Carlos V y Felipe II, que ahogó en sangre las viejas libertades comunales”⁴⁸.

No que se refere à miscigenação com o elemento africano e indígena, seus estudos direcionam-se ainda mais para o biologismo, e o mestiço ibero-americano passou a ser identificado como um degenerado físico e moral. Se o europeu possuía, até certo ponto, uma moral cristã, a qual, estranhamente em Bunge, é legada de forma inata, os negros e indígenas não eram portadores de tal moral. Por isso, quando se mesclavam aos brancos, promoviam a degeneração do europeu.

Llámeselo como quisiera, el hecho es que todo hombre normal, después de tantos siglos de ascendencia cristiana, nace con aptitudes heredadas para distinguir lo bueno de lo malo. Solo la degeneración puede borrarlas, produciendo tipos atávicos y antisociales. Por ello, rasgo distintivo y capitalismo, común a indios y negros, a mulatos y mestizo, es la falta de sentido moral, de eso que en los cristianos pueblos europeos se llama sentido moral. En lo que se revela la ausencia de sentido moral de los híbridos americanos de un modo más perjudicial a las sociedades, es en la falta de probidad. [...] “gobernantes de sangre de rapiña”, [...] bancarrotas individuales y sociales, los impuestos abusivos [...]”⁴⁹.

O quadro explicativo feito por Francisco García Calderón, ao ler *Nuestra América*, resume a visão biologista de Bunge quanto à inferioridade do “criollo” e do mulato:

El libro de Bunge, Nuestra América, recuerda en cierto modo a los panfletos de Carlyle: lírico, a ratos, científico en otros, erudito, brillante, a menudo superficial, estudia las razas de América y el más grave de sus problemas políticos, el caciquismo. Ha escrito páginas definitivas sobre algunos vicios americanos, sobre la psicología del criollo, del mulato, sobre los grandes caciques, Rosas, García Moreno, Porfirio Díaz. Falta a su libro la simplicidad latina, la armonía, la ordenación francesa. Es un estudio en que se agitan muchas ideas sobre el pasado y el presente de América.

46 BUNGE, 1918, p. 69-70.

47 BUNGE, 1918, p. 85.

48 BUNGE, 1918, p. 70.

49 BUNGE, 1918, p. 146.

La carencia de sentido moral le parece “rasgo distintivo y capitalísimo, común a indios y negros, a mulatos y mestizos”; el cruzamiento de españoles, indios y negros, antecedente de terribles degeneraciones. Triste psicología la de criollos y mulatos, según el sociólogo argentino. Carece el mulato de valor personal, es “irritable y veleidoso como una mujer, aunque desafortadamente ambicioso, verdadero arribista, no tiene espíritu de suite, es parásito y oportunista, vive de la política de expedientes, del chantaje. Rápido y locuaz, sabe a veces simular talento”. Si el mulato presenta caracteres de degeneración, son lamentables los rasgos más salientes del criollo. La pereza en primer término, “falta innata de actividad”, cuyos aspectos expone con gran precisión Bunge. Todo lo explica, este vicio, en las repúblicas de Ultramar: “la pequeñez de nuestra clase grande, la pobreza psicológica de nuestra clase rica que no funda institutos progresistas, ni dota universidades, escuelas, bibliotecas o museos; y también, la verbosidad la literatura y, en el comercio y la industria, el monopolio extranjero”⁵⁰.

Bunge desenvolveu uma análise pseudocientífica sobre a inferioridade de “criollos” e mulatos. Porém, deparou-se com o anseio desses por melhores condições de vida, atitude que contradizia sua teoria racial estigmatizante. Diante dessa problemática, o autor adaptou sua teoria, tentando relativizar as virtudes mestiças, principalmente a mulata. Bunge, então, desenvolveu sua teoria referente aos mecanismos de ascensão social e a intitulou de “hiperestesia de ambición”. Segundo o autor de *Nuestra América*, a “hiperestesia de ambición” caracteriza-se pela busca incessante dos negros de superarem os brancos. Contudo, para o autor, aqueles não possuíam capacidade para isso, logo, desenvolviam atitudes vis⁵¹.

Propugnando por uma sociedade que visava o progresso, mas sem a modificação brusca dos quadros hierárquicos, Bunge defendeu a busca por ascensão social, ainda que limitada e preferencialmente dentro da ordem. É nesse sentido que o autor desenvolveu sua teoria psicológica sobre a “*aspiralidad*”, valorizando a educação como caminho para correção das falhas raciais e para atingir o progresso.

A “*aspiralidad*” é entendida pelo autor como uma particularidade hereditária e adquirida, na qual o indivíduo, por meio de sua vontade, tende a buscar ascensão social. Para o ensaísta argentino, apenas as etnias branca e negra seriam capazes de desenvolver a “*aspiralidad*”, porque sua mescla já se processava desde a Península Ibérica. Para Bunge, no que se refere ao indígena puro, a ascensão social era nula, estando ele fadado ao desaparecimento. Dessa forma, os indígenas seriam aniquilados pelos venenos da civilização: álcool, tabaco e miséria. “*El indio puro [...] tiende hoy a desaparecer, avergonzado, corrido, ofuscado, aniquilado por la civilización. [...] De ahí que el indio puro tenga hoy escasa o ninguna importancia en la sociología americana*”⁵².

50 BUNGE *apud* CALDERÓN, Francisco García. *Las democracias latinas de América*. La creación de un continente. Venezuela: Biblioteca Ayacucho 1979. p. 259-260. Grifo nosso.

51 BUNGE, 1918.

52 BUNGE, 1918, p. 126.

Apesar de elogiada, é perceptível que, para Bunge, a “*aspiralidad*” também tinha seus limites e problemas. A forma como a ascensão social processava-se na Ibero-América era preocupante. Segundo o autor, os negros buscavam ascensão de maneira vil e malandra, e “*criollos*”, mediante atitudes de compadrios e de violência. A educação seria um meio de amenizar tais problemas, sem sair do marco do tradicionalismo.

Se a “*aspiralidad*” contida em ambas as raças gerava práticas negativas, essas deveriam ser corrigidas: a) pela moralidade que a educação poderia promover, b) pela dualidade educacional, objetivando a formação de líderes brancos e da classe trabalhadora mestiça e c) pela imigração europeia que depurava a raça. “[...] *extendida por doquiera la inmigración europea, no habrá tampoco muy notables diferencias étnicas... [surgerà] un tipo complejo y completo que podrá presentarse [...] como el modelo del hombre moderno: ¡Ecce Homo!*”⁵³. Além disso, como um positivista de primeira plana, a educação cumpriria outra função: a de preparar a população para o progresso, preconizado pela ordem e não pela revolução. Propôs, assim, investimentos no campo da educação, das artes, da ciência, da saúde etc. “*Todo en fin, menos las revueltas y la violencia, todo menos los cambios bruscos de sistemas, de instituciones de gobierno... El progreso lento por esfuerzo continuo [...] En una palabra, ¡La Evolución y no la Revolución!*”⁵⁴.

Portanto, para o autor de *Nuestra América*, os atavismos raciais negros, ibéricos e indígenas não só acometeram as relações sociais e a moralidade do ibero-americano, mas atingiram a política e o mundo do trabalho.

O PROBLEMA DA PREGUIÇA: A ÉTICA CATÓLICA E A ARROGÂNCIA IBÉRICA

La indolencia no da, ¡quita carácter! ¡Civilicémonos por el trabajo!!
(Carlos Octavio Bunge, 1918)

Em Bunge, a problemática da preguiça ibero-americana – “*la pereza criolla*” – foi apresentada mediante ao contraste com o mundo do trabalho. Para tanto, o autor desenvolveu uma discussão sobre o *ethos* cristão, análise que foi apresentada em *Nuestra América* (1903) e no artigo “*Ética del Cristianismo*” (1907). Neste, o destaque foi dado a um código de conduta surgida com o judaísmo e aperfeiçoado com o cristianismo primitivo. Por sua vez, em *Nuestra América*, a análise do autor primou pela crítica à mentalidade católica/personalista/ibérica que dificultava a formação de uma moral para o trabalho.

53 BUNGE, 1918, p. 163.

54 BUNGE, 1918, p. 51.

Em “Ética do Cristianismo”, Bunge asseverou que é somente com o advento do cristianismo, no século II, que se inserem na doutrina religiosa duas concepções que regularizaram a conduta dos homens: *a expiação e a imortalidade da alma*. “Vino la primera a completar y elevar la noción del talión; la segunda, el concepto de Dios-providencia”⁵⁵. O livro de Jó fundamentaria a ideia de expiação: esse sofre diversos males, é provado e castigado, e seus próprios amigos chegam a duvidar de suas virtudes, mesmo assim ele não nega a Deus. Por isso, é por Ele agraciado, tendo seus bens restituídos e a alma purificada. O cristão que fosse como Jó passaria pelo “castigo depurador” demonstrando conduta insurreta e seria, no fim, espiritualmente aperfeiçoado e materialmente abençoado.

Quanto à imortalidade da alma, Bunge afirmou que os hebreus não tinham a percepção da existência de vida em outro mundo. Essa concepção, para o autor, é fomentada pelas ideias de Jesus Cristo, espalhadas pelos apóstolos, principalmente Paulo, ou seja, intensifica-se com o surgimento do cristianismo. A salvação da alma estava ligada diretamente à caridade promovida pelos homens que ansiavam por igualdade, corrigindo a desigualdade acarretada pelo trabalho e pela propriedade privada. Por isso, o autor afirmou que Deus não diferenciava ricos e pobres e que o cristianismo possui um:

[...] principio igualitario, los primeros padres de la iglesia llegan hasta desconocer la legitimidad del derecho de propiedad, o sea su valor ético. «La naturaleza, dice San Ambrosio, ha sido dada en común a ricos y pobres. ¿Por qué, oh ricos, os arrogáis vosotros solos su propiedad? La naturaleza ha creado el derecho común. La usurpación hizo el derecho privado». «La distinción de ricos y pobres no parecía a los primeros doctores de la iglesia, más ni menos justa que la de los señores y esclavos». "Ante Dios, dice Lactancio, no hay esclavo ni señor”⁵⁶.

Aqui adentra-se num ponto-chave discutido por Bunge: a contradição entre cristianismo primitivo – caracterizado por ideais igualitários – e a ética do trabalho. O trabalho gerava desigualdades, deslocava a predileção dos devotos dos assuntos espirituais para assuntos financeiros e carnis. O cristianismo primitivo, por sua vez, destacava a inclinação de Deus para a moralidade do humilde, valorizando sua honestidade e espiritualidade em detrimento do rico materialista, que, por sua avareza, perdia a chance da salvação. “É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino dos céus”⁵⁷. E seria por essa visão mais igualitária e contrária ao trabalho que, segundo Bunge, abundavam tantas “[...] *sentencias y parábolas en la prédica de Jesús encareciendo el mayor valor ético de los pobres y los humildes a respecto de los ricos y los poderosos de la tierra*”⁵⁸.

55 BUNGE, Carlos Octavio. *Ética del Cristianismo. Nosotros*: revista mensal de literatura, história, arte e filosofia, Buenos Aires, v. 1, p. 72-77, set. 1907. p. 74.

56 BUNGE, 1907, p. 5.

57 EVANGELHO de Matheus. *In: A BÍBLIA sagrada: antigo e novo testamento*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Várzea Paulista: Casa Publicadora Paulista, 2019.

58 BUNGE, 1907, p. 78.

Portanto, em “Ética do Cristianismo”, Bunge salientou que o cristianismo primitivo gerou um código de comportamentos voltado para a igualdade e a humildade, e que tais princípios eram avessos ao trabalho, porque a divisão social do trabalho gerava ricos e pobres, explorados e exploradores: “*El trabajo organizado y eficiente implica la división social del trabajo. Esta división significa la desigualdad social. Al condenarse las desigualdades sociales, condenase al trabajo como un medio de cultura política y material*”⁵⁹.

O trabalho, que “*se cristaliza[va] con fines de cultura política y material, es condenable. Revela desigualdade*”⁶⁰. Em contrapartida, o trabalho voltado para a caridade aperfeiçoava o homem, corrigindo as desigualdades, e o agraciava com a salvação. “[...] *en el reino del hombre existen desigualdades de trabajo y de propiedad que deben tolerarse por espíritu de caridad y por la firme esperanza de que esta caridad será premiada en el reino de Dios*”⁶¹. Um ponto importante a ser destacado é que a virtude religiosa defendida pelo autor não é a católica, assim como o seu ideal de trabalho não se enquadra na concepção capitalista dos dias de hoje. Bunge relacionou o catolicismo a atitudes anticristãs e predicou por um tipo de trabalho, no qual o operário desenvolvesse atitudes servis. O patrão, por sua vez, deveria respeitar o seu empregado, exercendo sua “benevolência” por meio da caridade.

Segundo Bunge, essa concepção de trabalho voltada para a caridade, proveniente do cristianismo primitivo, encontrou continuidade no protestante e não no católico. Os protestantes eram, para o autor, resignados, tolerantes e fraternos. Tais características propiciaram o desenvolvimento de princípios que primavam pela equidade e pela eficácia das instituições democráticas. Na concepção de Bunge, os norte-americanos protestantes, ao contrário dos arrogantes ibero-americanos, pensavam na felicidade do outro:

*Es admirable en Norte América el espíritu de tolerancia, de bondad, de resignación al anónimo. Cada uno de los ochenta y tantos millones de ciudadanos trata de ser feliz como puede, haciendo también felices a los demás y sirviendo a la patria [...] Pero podrá creerse, siguiendo a Nietzsche, que ese sentimiento yanqui de disciplina democrática y cristiana es una prueba de la debilidad en la lucha por la vida... Obsérvese la realidad presente y pasada, y se verá que, lejos de ello, es un indicio de nacional fortaleza*⁶².

Já o catolicismo ibérico era, para o autor, anticristão, dado que se forjou numa época – Reconquista⁶³ – em que o principal intuito era exterminar judeus, mouros e índios, ou seja, ao

59 BUNGE, 1907, p. 76.

60 BUNGE, 1907, 76-77.

61 BUNGE, 1907, p. 78.

62 BUNGE, 1918, p. 192-193.

63 A Reconquista Ibérica consistiu num processo histórico, militar e religioso de retomada dos territórios cristãos na península Ibérica, anteriormente invadida pelos muçulmanos.

invés de criar um espírito de bondade e de tolerância, o catolicismo servira como mote para submeter o outro, fomentando a violência.

Conviene que insista aquí en la curiosa y confusa antinomia del catolicismo anticristiano de los españoles. La idea madre de la religión Cristiana es la caridad, el sentimiento antagónico es el egoísmo [...] La configuración geográfica, la herencia psicológica y las necesidades políticas producen asíj oh mordaz ironía del destino! Esa antinomia histórica, la más curiosa y confusa: La religión cristiana sirviendo de arma y de pretexto al más anticristiano sentimiento [...] cuyo objeto principal [...] era expulsar o exterminar a los miserables: moriscos, judíos, indios americanos⁶⁴.

Além de fomentar o egoísmo, os conflitos religiosos contribuíram para o desenvolvimento de uma mentalidade que desdenhava o esforço metódico e manual, pois a Reconquista, ao exaltar o espírito guerreiro, negligenciava o pendor para o trabalho. “*Es que, de la arrogancia española, sentimiento bélico por excelencia, derivaba el desprecio del trabajo. La arrogancia era a guerra; el trabajo la paz. Menospreciar la paz, es menospreciar el trabajo*”⁶⁵. Para Bunge, as lutas medievais originaram “*la arrogância*” hispânica, o culto ao valor pessoal e a soberba. O trabalho manual, por sua vez, era tido como algo que aviltava a dignidade do guerreiro, que visava a um fim exterior ao homem. “*Por que trabalhar sobre um objeto exterior a si, se é só ele mesmo que importa?*”⁶⁶

Transpassado o período medieval, a modernidade deu continuidade aos tristes reveses da arrogância, atingindo seus herdeiros na América. Bunge ilustrou a relação entre arrogância “*criolla*” e o desprezo pelo trabalho com um fato acontecido na Argentina. Conta o autor que acontecera um acidente ferroviário, no qual se chocaram dois trens, incidente que ocasionou a morte de muitas pessoas. Segundo ele, o descuido foi causado por um empregado de estirpe “*criolla*”. Quando chamado a se reportar, uma vez que poderia ter evitado o acidente se tivesse acatado a ordem de mudar algumas peças, o funcionário destacou que a peça não foi trocada, pois o peão responsável pelo serviço mecânico estava doente. A comissão então perguntou por que ele mesmo não fizera os devidos concertos, questionamento que respondera enfaticamente: “*¡Yo! ¡Yo soy el jefe de la estación! ¡Cómo iba a hacerlo yo? Cada uno tiene también su dignidad*”⁶⁷.

Para o autor, a arrogância originou a preguiça, e esta era tida como índice de inferioridade, posto que a falta de atividade era o principal fator para a situação de miséria na Ibero-América.

64 BUNGE, 1918, p. 94-95.

65 BUNGE, 1918, p. 71.

66 MONTEIRO, Pedro Meira. *A queda do aventureiro: aventura, cordialidade e os novos tempos em Raízes do Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999. p. 95.

67 BUNGE, 1918, p. 206, grifo nosso.

“Una palabra, el trabajo es decadencia, la pereza, rutina decadencia”⁶⁸. A solução para a “pereza criolla”: o culto ao trabalho. “¡Civilicémonos por el trabajo!”⁶⁹.

Bunge propôs, assim, uma concepção de trabalho que primava pela modéstia, ou seja, por esforços anônimos que diminuíssem o afã por visibilidade do ibérico, bem como identificou na mentalidade europeia certa alegria com o mundo do trabalho. Por isso, sustentou a imitação do caráter europeu, buscando modificar a visão desdenhosa do labor diário, nutrida pelo hispano-americano.

Nunca nos será dado trocar nuestra sangre, ni nuestra historia, ni nuestro clima; pero sí podemos europeizar nuestras ideas, sentimientos, pasiones [...] Si el carácter de los hispanoamericanos es no ter carácter; ¡hagámonos un carácter! Inventemo-lo, improvisemo-lo, imitemos, forjemos [...]”⁷⁰.

A seguir, está um quadro comparativo utilizado pelo autor para destacar as diferenças entre europeus e ibero-americanos. As primeiras características referem-se ao europeu, tido como trabalhador e exemplo para as demais nações; e as segundas são características de um povo preguiçoso, na visão de Bunge, atavismo presente nos ibero-americanos.

Quadro 1 - Quadro comparativo entre as características europeias e ibero-americanas

| <i>Trabajo</i> | <i>Pereza</i> |
|-------------------|---------------------|
| <i>Acción</i> | <i>Inacción</i> |
| <i>Disciplina</i> | <i>Indisciplina</i> |
| <i>Carácter</i> | <i>Veleidad</i> |
| <i>Constancia</i> | <i>Inconstancia</i> |
| <i>Verdad</i> | <i>Mentira</i> |
| <i>Democracia</i> | <i>Arrogancia</i> |
| <i>Alegría</i> | <i>Melancolía</i> |
| <i>Decisión</i> | <i>Indiferencia</i> |

Fonte: BUNGE, Carlos Octavio. *Nuestra América*. Ensayo de Psicología social. 6. ed. Buenos Aires: Casa Vaccaro, 1918. p. 201.

Assim como em “Ética del cristianismo”, em *Nuestra América*, a cultura do trabalho não se relaciona com a concepção de trabalho moderno/capitalista, mas, sim, toma um sentido “caridoso” e depurativo. Conforme se assinalou, as principais características do “criollo” seriam a preguiça, a tristeza e a arrogância. Segundo Bunge, o trabalho era a panaceia que curaria os três males. No que se refere à arrogância, o trabalho modesto/anônimo seria crucial para conter a exaltação pessoal. Quanto à tristeza, o trabalho promoveria ação, e conseqüentemente, alegria. Por fim, o próprio caráter do trabalho promoveria a regeneração do pior atavismo “criollo”: a preguiça mental e mecânica.

68 BUNGE, 1918, p. 200.

69 BUNGE, 1918, p. 217.

70 BUNGE, 1918, p. 217-218.

*En síntesis, inclino-me a creer que siempre los progresos y las decadencias pueden reducirse a la mayor o la menor actividad de los pueblos... Pienso que [...] el valor de los débiles y la tristeza [...] han de originarse en la pereza, sino que todos los demás males de las naciones hispanoamericanas [...] El orgullo de la riqueza nacional es un sentimiento de perezosos, que refieren contemplar a producir... ¡Pereza, pereza y pereza, todo es pereza en South América!*⁷¹

Em Bunge, “*la pereza*” é a doença diagnosticada, o trabalho, sua cura. Sendo assim, “civilizemo-nos” pelo *trabalho* e pela *educação*. Quanto à educação, viu-se que Bunge preconiza por um tipo de ensino diferenciado para pobres e ricos. Os primeiros receberiam uma educação tecnicista, voltada para formação de mão de obra, os segundos, uma educação voltada para os assuntos públicos e administrativos. Conjugava-se assim o afã modernizador, efetivado pelas políticas educacionais e pela formação obreira, ao desejo de uma sociedade hierarquizada.

La pereza e la arrogancia não influenciaram só o plano econômico, mas ressoaram na política, originando formas caudilhescas de se gestar os governos ibero-americanos. Em Bunge, o caudilhismo era o resultado moral/político de uma herança que é sobretudo ibérica.

O PROBLEMA DA POLÍTICA: APADRINHAMENTO E CAUDILHISMO

Pues los cacicazgos no se instituyen por ideas, sino por personas y por nombres propios (Carlos Octavio Bunge, 1918).

Bunge iniciou a discussão sobre “*la política criolla*” com outra alegoria de criação. Segundo o autor argentino, no tempo da colonização existiam três pérfidas irmãs: a mais velha, “*una hispanoíndia*” que se chamava “*Pereza*”, a segunda, “*una mulata*” que se chamava “*Arrogancia*”, e a mais nova, “*una zamba*” que se chamava “*Tristeza*”. Tais características são trabalhadas nos capítulos anteriores de *Nuestra América* e, juntas, conformam o mestiço hispano-americano. Segundo a fábula bungeana, as irmãs se revoltaram contra a sociedade e contra a religião, praticando magia negra. Foram, portanto, denunciadas ao Santo Ofício em Lima. Durante o processo inquisitório, fugiram e foram excomungadas pela Igreja. Sobre elas, foi lançada a seguinte maldição: “*Que vuestros vientres sean tan infecundos como las peñas*”⁷². Quando tais palavras chegaram aos ouvidos das três irmãs, elas se converteram imediatamente em bruxas, passando a cometer as mais diversas atrocidades.

Envelheceram sozinhas, sem maridos e sem filhos, não nutriam nem ao menos amizade entre elas, devido ao gênio difícil que compartilhavam. Ante a essa situação, sentiram a necessidade de companhia, discutiram, mas não conseguiram chegar a um acordo. Foi quando

71 BUNGE, 1918, p. 207.

72 BUNGE, 1918, p. 222.

a irmã menor sequestrou uma criança recém-nascida e a trouxe à presença das outras irmãs, que prontamente se alegraram, pois haviam burlado a maldição. Alimentaram a criança com o próprio sangue e chamaram Satanás para que a batizasse e a ela desse um nome: “¿Cómo la llamamos? Y Satanás, después de pasarse la sangrienta lengua por los labios, como gato goloso, respondió: Política criolla”⁷³.

Pela alegoria de criação exposta por Bunge, fica evidente que as tradições étnicas que deram origem e alimentaram a “*política criolla*” – a preguiça, a arrogância e a tristeza – não eram bem quistas pelo autor, e suas ressonâncias em meio à política ibero-americana, menos ainda. Bunge conceituou a “*política criolla*” como “[...] *los tejemanejes de los caciques hispanos americanos, entre sí y para con sus camarillas. Su objeto es siempre conservar el poder, no para conquistarse los laureles de la historia, sino por el placer de mandar*”⁷⁴.

O poder, o nome, a soberba e o compadrio estavam acima dos ideais políticos, dos partidos e da capacidade de gerir os assuntos públicos. “*Pues los cacicazgos no se instituyen por ideas, sino por personas y por nombres propios. [...] Antes que de méritos debe el cacique hacerse de amistades, y, para mantenerse, mantenerlas*”⁷⁵. Logo, o autor relacionou “*la política criolla*” a um vínculo de amizade, que, segundo ele, deitava raízes na relação de *apadrinhamento ibérico*. Para Bunge, esse “vínculo de amizade” que invadia a ordem pública não era uma herança, mas, sim, a própria tradição ibérica sustentada pela religião católica apostólica romana.

Segundo Bunge, existia entre os espanhóis “[...] *un vínculo de la amistad, casi de parentesco, que se establecía entre dos personas mayores cuando una de ellas apadrinaba en la pila bautismal a un hijo de la otra*”⁷⁶. O padrinho era assim escolhido, pois era considerado uma figura respeitável, capaz de dirigir e proteger os seus afilhados. Esses, por sua vez, passavam a enxergá-lo como verdadeiro pai. Para Bunge, desta relação originou-se, em “*el cacique*”, o caudilho ibero-americano. Logo, para o autor, o vínculo cacical era *privado e religioso*, e não faltavam aqueles que queriam estabelecer tais vínculos cristãos e familiares.

Depois da independência, com o processo de organização política das nações, esse apadrinhamento tomou matriz política. O “compadre” prontamente chegou a significar “[...] *compañero, amigo, aliado, partidario, copartidario*”⁷⁷, com ressonâncias desastrosas para política, posto que de vínculos fraternais não se fazem bons políticos. Vínculos de amizade

73 BUNGE, 1918, p. 224.

74 BUNGE, 1918, p. 283.

75 BUNGE, 1918, p. 230; 224.

76 BUNGE, 1918, p. 257.

77 BUNGE, 1918, p. 257.

na política promovem a invasão do público pelo privado, fomentando-se o número de uma classe parasitária, sem capacidade de gerir os negócios públicos. “[...] *Elegido un diputado, un compadre de un poderoso y sagaz político, exclamaba: ¡Que bien se ha portado conmigo mi compadre! Le pedí un puesto de poco trabajo y 500 pesos mensuales, y me da uno, la diputación, de 1500 pesos y ningún trabajo*”⁷⁸. Sendo assim, para o autor, o caudilhismo era impensável para a América, ou melhor, para a maior parte dela, dado que para o México, o autor chegou até mesmo a bendizê-lo. Mais adiante, será visto o porquê desse país tornar-se uma exceção.

Segundo Bunge, o caudilhismo passa por três etapas: “*la fascinación, la fuerza y la paz*”⁷⁹. Etapas que poderiam ser interpretadas da seguinte forma: a primeira como *caciquismo demagógico*, a segunda como *caciquismo violento* e a terceira *caciquismo pacífico*, tendo em mente que a paz é imposta.

A primeira caracteriza-se por um momento inicial na carreira política do caudilho, quando busca captar a simpatia dos eleitores, não pela aptidão obviamente, mas mediante atitudes que lhe farão um personagem temido e/ou amado. Ao se fazer temido, o caudilho angariava votos e apoio através do medo. Mas de que maneira se faria amado? Uma delas seria mediante aos favores costumeiros àqueles que compartilhavam o seu círculo de amizade. Além desta estratégia politiqueria, Bunge levantou outra forma muito utilizada pelos caudilhos para fomentar o apoio popular: a demagogia.

Na concepção de Bunge, o poder do caudilho era cimentado no momento em que ele enganasse “[...] *la turba con supuestas o superficiales virtudes propagadas a través de una laudatoria que en última instancia el pueblo no se tomará la molestia de revisar la veracidad*”⁸⁰. Por laudatória, conforme a análise conservadora bungeana, subentendem-se discursos que evidenciam e exaltam a participação popular, ou seja, os princípios democráticos. O autor via em expressões como “*constitucionalidad*”, “*sufragio popular*” e “*voluntad de los pueblos*” a sagacidade demagógica dos caudilhos que, mediante expressões enganadoras, traçavam seu caminho para alcançar o poder, manipulando a população. Conseguindo o seu intento, o caciquismo consolidava-se, sustentado por uma síntese entre manipulação demagógica caudilhesca e submissão popular. Assim, uma paz imposta seria inevitavelmente alcançada. Caso não ocorresse, iniciava-se outra etapa: a do terror.

78 BUNGE, 1918, p. 234.

79 BUNGE, 1918, p. 250.

80 BUNGE, 1918, p. 225.

Para o autor, “*el caciquismo sangrento*” deveria ser uma exceção, mas virou norma na Ibero-América. Segundo Bunge, geralmente o caudilhismo caracterizava-se por um período de paz, imposto pela demagogia, pela corrupção e pela inércia popular. Contudo, quando a multidão tomava uma atitude, ou quando um outro caudilho intentava o governo de outrem, a violência cacical fazia-se presente. Juan Manuel Rosas seria “caso clínico representativo” desse tipo de caudilhismo.

Bunge destacou que muitas são as opiniões quanto a Rosas: “*Un tirano, un neurópata, un gran hombre, un hijo de su país y de su tempo*”⁸¹. Contudo, para ele, o caudilho argentino era “*el cacique gaucho*”, que encerrava em si “[...] *una pasión del mando por el mando, sin ulteriores ideales de cultura ni de progreso... rasgos generales [...] comunes a todo cacique hispanoamericano*”⁸².

Conforme Bunge, Rosas insere-se na primeira e segunda fase do caudilhismo, mas não chegou “*al tercero y último grado, al ‘despotismo pacífico’*”⁸³. Num primeiro momento, demagogicamente, utilizou os conflitos entre unitários e federalistas e as paixões populares a seu favor. Bunge conta que, na Argentina, um grupo de homens cultos defendia o governo unitário sob a hegemonia da província-capital – Buenos Aires – contra o localismo/barbárie das províncias do interior.

Segundo o autor de *Nuestra América*, Rosas foi sagaz ao perceber a antipatia popular nutrida, não só pelos caudilhos do interior, mas também pelo “[...] *ahidalgado orgullo de los gobernantes de la ciudad capital, que no solo soñaron con el unitarismo, sino hasta con la monarquía*”⁸⁴. Rosas, levantando a bandeira “federalista”, lançou-se contra os unitários de Buenos Aires, servindo-se do povo e da demagogia para essa empreitada. Rosas “*se hace instrumento del pueblo, para hacer luego al pueblo su instrumento [...] En la campaña parece campesino y es burgués. En la orden nacional proclama la patria y es localista. Se dice federal y es concentrador*”⁸⁵.

Como não era bastante forte para combater o partido unitário, uniu-se inicialmente aos federalistas, e quando se sentiu seguro, humilhou e perseguiu seus antigos aliados. Para consolidar seu governo, fundiu cidade e província, recorrendo ao terror. Para aqueles que se mostravam contrários à sua vontade, restava o cárcere e/ou a morte. Segundo Bunge, jovens,

81 BUNGE, 1918, p. 269.

82 BUNGE, 1918, p. 272.

83 BUNGE, 1918, p. 273.

84 BUNGE, 1918, p. 271-272.

85 BUNGE, 1918, p. 271; 274.

velhos, comerciantes, advogados, literatos pertencentes à classe culta da sociedade portenha eram levados diariamente aos grilhões, muitos deles sendo fuzilados. Para aqueles que morriam em campanha, o teor de perversidade era maior, esses eram castrados, decapitados, “[...] *se les hace manear de su piel, se come su carne por diversión, y dejan insepultos pastos de las fieras [...]*”⁸⁶. Bunge, assim, estimava o número de vítimas no decorrer do governo de Rosas:

Quadro 2 - Número de vítimas durante o governo de Juan Manuel Rosas

| <i>Tipo de Muertes</i> | <i>Número de víctimas</i> |
|-------------------------------------|---------------------------|
| <i>Envenenados</i> | 4 |
| <i>Degollados</i> | 3.765 |
| <i>Fusilados</i> | 1.398 |
| <i>Asesinados</i> | 722 |
| <i>Muertos em acciones de armas</i> | 14.920 |
| <i>Castigados por desertarse</i> | 1.600 |

Fonte: BUNGE, Carlos Octavio. *Nuestra América*. Ensayo de psicología social. 6. ed. Buenos Aires: Casa Vaccaro, 1918. p. 277.

A crueldade era tanta que o jornalista argentino Rivera Indarte proclamava na imprensa montevidiana que “[...] *era acción santa matar a Rosas*”⁸⁷.

Para Bunge, a etapa que Rosas não conseguiu lograr – *caudilhismo pacífico* – foi alcançada por Porfirio Diaz – “*el cacique progresista*” – no México. E só por ele, nas demais nações hispano-americanas, o caudilhismo mostrou-se, segundo o autor, demagógico e cruel. “*A la inversa de Buenos Aires, en Méjico, que es el acaso el pueblo más indígena de América, el depotismo de Porfirio Diaz ha sido el más pacífico y el más largo. ¡Bendito despotismo!*”⁸⁸ Há dois critérios levantados por Bunge que explicam o sucesso do caudilhismo no México. Primeiro, o povo; segundo, a concepção política adotada por Diaz.

Bunge afirmava que cada povo tem o governo que merece. Logo, em relação à população mexicana, cuja maior parte era formada por indígenas, o caudilhismo seria uma boa opção, pois, em sua concepção, eram povos resignados e manipuláveis. Bunge salientou que a submissão indígena, era anterior à colonização espanhola. Remetendo às tradições astecas, o autor afirmou que os indígenas já estavam acostumados a terem seus corações arrancados nos rituais de sacrifício. Tal resignação prolongou-se no tempo, graças à pobreza que lhes era ainda infligida. “*La raza indígena, que es la más numerosa de la sociedad mexicana – dijo el presidente Juárez [...], está sujeta a una obediencia más ciega que los militares, porque su*

86 BUNGE, 1918, p. 271; 274.

87 BUNGE, 1918, p. 271.

88 BUNGE, 1918, p. 248, grifo nosso.

*obediencia nace de la pobreza que avasalla al indígena a la voluntad de sus amos*⁸⁹. Cédiam seus direitos por pão e por trabalho. Nesse estado, Bunge questionou-se: como transformar uma raça resignada e desinteressada pela política numa “*raza republicana*”?⁹⁰ A resposta foi categórica: era impossível. Era necessário um *pai*, e, para o autor, Porfirio Diaz cumprira bem o papel: “¿Puede hacer de tal Pueblo una democracia? Evidentemente no, y *el dilema es este: o la tiranía, único medio de mantener la orden, o el desorden. Díaz opta por el orden, y dentro del orden, realiza el progreso*”⁹¹.

Assim como Rosas, Diaz passou pela fase demagógica, principalmente por ter se destacado na guerra contra a pretensão recolonizadora francesa⁹². Graças a ela, “[...] *¡el pueblo le había ungido, por derecho humano, cacique imperador!*”⁹³. Posteriormente, passou pela fase do terror, quando, no poder, “[...] *expatría a los opositores, amordaza la imprenta y nombra indirectamente a los miembros del Congreso*”⁹⁴.

Fazendo modificações na constituição, ocupou ininterruptamente o cargo de presidente do México, sendo eleito em 1888, 1896, 1900, 1904 e 1908 e, logo, impôs o progresso dentro da ordem, buscou investimentos norte-americanos, a industrialização cresceu a passos largos e, por fim, cercou-se de conselheiros positivistas. Tais conselheiros diziam que o ditador introduziria a democracia no México. Bunge prontamente retrucou a todos, afirmando que impossível era “*¡hacer una democracia de un imperio Oriental!*”⁹⁵. Ou seja, foi cético quanto à capacidade indígena para participar, mesmo porque Bunge os tinha como preguiçosos e resignados. Além disso, afirma que o estadista utilizava métodos autocráticos, e “*hacer bien por la fuerza representa, precisamente, la última esencia de la arrogancia hispánica, el polo opuesto del disciplinado y cristiano individualismo a lo anglosajón, primera base de una buena democracia*”⁹⁶. Para ele, o que Diaz concretizara foi o progresso, apesar de reconhecer que a dívida externa crescera em seu governo. Conforme o ensaísta argentino, Diaz não chegava aos pés de um estadista europeu, mas, comparando-o aos Melgarejos, Rosas e Garcias Morenos,

89 JUÁREZ *apud* BUNGE, 1918, p. 308.

90 *Cf.* BUNGE, p. 308.

91 BUNGE, 1918, p. 308.

92 Napoleão III invade o México com intuito de recolonizá-lo, entregando o governo a Maximiliano. Sob a presidência de Benito Juárez, Porfirio Diaz se destaca na luta contra os franceses, expulsando-os. Segundo Bunge, apesar dos exageros patrioteiros – dado que se contava histórias em que o general Diaz, com apenas 40 mexicanos, derrotou 400 franceses –, era inegável a coragem de Diaz, bem como a imagem que ele construía após a guerra.

93 BUNGE, 1918, p. 305.

94 BUNGE, 1918, p. 307.

95 BUNGE, 1918, p. 310.

96 BUNGE, 1918, p. 297.

sobressaia-se. “*Es, pues el caso excepcional [...], el prototipo de la más rara avis del caciquismo, ¡el cacique progresista!*”⁹⁷

Sendo assim, destaca-se que Bunge buscou formular um projeto identitário tendo como base a depuração dos atavismos raciais ibéricos, negros e indígenas. Para tanto, discutiu as características que cada etnia legaria aos seus herdeiros e a problemática que tais atavismos teriam para a política, para o mundo do trabalho e para as relações sociais. Certamente, tratava-se de um discurso pseudocientífico, produzido em conexão com os conflitos ideológicos de sua época – momento marcado por intensos choques entre as classes sociais pobres/mestiças e a elite. *Nuestra América* foi justamente uma resposta a esses conflitos, escrita numa clara tentativa de arrefecer as lutas sociais e obstar o avanço da democracia na Ibero-América.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se examina a história intelectual dos países ibero-americanos, de pronto o que chama atenção é a preocupação com o legado que tolheria o progresso e o anseio de diversos intelectuais que buscaram transformar tal situação. Em fins do século XIX e início do século XX, muitos daqueles que se enveredaram na discussão identitária na América fundamentaram suas análises nas teorias raciais em voga, elegendo a Europa e os Estados Unidos como exemplos, ao passo que representavam possíveis rumos para o progresso.

O ensaísta argentino Carlos Octavio Bunge foi um autor representativo dessa discussão identitária. Embasando-se nos ideais positivistas e nas teorias raciais, buscou o progresso, defendendo a depuração das raças, o incentivo educacional e a valorização do mundo do trabalho. Para tanto, desenvolveu, em *Nuestra América*⁹⁸, uma teoria na qual destacou “*la arrogância*” como a principal característica ibérica, o servilismo como principal atavismo negro e o fatalismo como a principal peculiaridade indígena.

A arrogância ibero-americana deitava raízes na perspectiva localista e regionalista ibérica, que, inspirada pela geografia e pelo espírito combativo espanhol, foi transplantada para a América e contribuiu para a falta de solidariedade – característica dos povos ibéricos e de seus herdeiros. O servilismo negro foi compensado, até certo ponto, por seu afã, por ascensão social. Contudo, Bunge afirmou que essa “*aspiralidad*” negra foi apenas aparente, pois se processou de maneira vil, mediante a malandragem e a violência. O indígena, por sua

97 BUNGE, 1918, p. 310.

98 BUNGE, 1918.

vez, na visão do autor, estaria fadado ao fracasso acometido pela inércia, pela miséria, pelo alcoolismo e pelo tabagismo.

Segundo Bunge, a mescla entre etnias – sem a prévia seleção de métodos que pudessem depurar os males de origem – era problemática, pois gerava o mestiço, que traria em si todos os atavismos das matrizes raciais. A preguiça foi o resultado de tal mistura. “*La pereza criolla*” ressoou na economia, interditando o progresso e o desenvolvimento econômico. O incentivo ao trabalho e à educação foi panaceia para os males da nação. Contudo, deve-se ressaltar que a modernização promovida por meios educacionais fundamentava-se em ideais hierárquicos, ao passo que o autor defendia políticas educacionais de caráter dual, ou seja, uma educação tecnicista para a classe obreira e uma educação voltada para a administração para elite. Além disso, o ideal de trabalho bungeano não se enquadrava na concepção capitalista daquela época. Analisando o artigo “*Ética del Cristianismo*”⁹⁹, pode-se demonstrar que Bunge predicava por um tipo de trabalho no qual o operário desenvolvesse atitudes servis. O patrão, por sua vez, respeitava o seu empregado, exercendo sua “benevolência” por meio da caridade.

Na concepção do autor de *Nuestra América*¹⁰⁰, “*la pereza criolla*” não ressoava só na economia ibero-americana. Unindo-se a outros atavismos de raça – tristeza e arrogância –, a preguiça acometeria a política das sociedades ibero-americanas. Logo, o autor fez diversas críticas ao caudilhismo, culpando as relações fraternais entre políticos e a demagogia como fatores de interdição para o progresso. Para tanto, Bunge traçou e analisou as etapas do caudilhismo na Ibero-América: caciquismo demagógico, caciquismo violento e caciquismo pacífico. Os tópicos principais de sua discussão foram: a ascensão política dos caudilhos; a indiferença da população ibero-americana pela política; e os vínculos de amizade da elite governante, que arremetiam contra o ideal público e, conseqüentemente, impossibilitavam a democracia.

Ressalta-se que Bunge não pensou em democracia. Na verdade, foi crítico à participação popular. O autor mostrou-se cético quanto à impessoalidade por parte da elite política ibero-americana. O que de fato o autor intentou foi o progresso, conquistado mediante a ação de um homem forte e, se necessário, violento sobre uma população amorfa e apolítica. População que se encontrava constantemente sedenta por pão e, por isso, cedia facilmente seus direitos. Por fim, buscou-se destacar que as temáticas tão discutidas por Bunge – o preconceito racial,

99 BUNGE, 1907.

100 BUNGE, 1918.

o anseio por governantes personalistas e o debate sobre a incapacidade popular – são assuntos recorrentes na Ibero-América. Logo, a obra *Nuestra América*, apesar de conservadora, ainda não perdeu sua atualidade. De “cara nova”, os problemas apontados por Bunge ainda se fazem presente na “América Latina”, acometendo a sociedade da base ao cume.

REFERÊNCIAS

Fontes

BUNGE, Carlos Octavio. *Estudios Filosóficos*. Buenos Aires: Casa Vaccaro, 1919.

BUNGE, Carlos Octavio. Ética del Cristianismo. *Nosotros*: revista mensal de literatura, história, arte e filosofia, Buenos Aires, v. 1, p. 72-77, set. 1907.

BUNGE, Carlos Octavio. *Nuestra América*. Ensayo de Psicología social. 6. ed. Buenos Aires: Casa Vaccaro, 1918.

Obras Gerais

CLEMENTI, Hebe. *Juventud y política en la Argentina*. Buenos Aires: Siglo XX, 1982.

CALDERÓN, Francisco García. *Las democracias latinas de América*. La creación de un continente. Venezuela: Biblioteca Ayacucho, 1979.

CARVALHO, José Murilo de. A utopia de Oliveira Vianna. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 82-89, 1991.

EVANGELHO de Matheus. *In: A BÍBLIA sagrada: antigo e novo testamento*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Várzea Paulista: Casa Publicadora Paulista, 2019.

FERNÁNDEZ, Tomás; TAMARO, Elena. Biografía de Carlos Octavio Bunge. *Biografías y vidas*. La enciclopedia biográfica en línea, Barcelona, 2004. Disponível em: https://www.biografiasyvidas.com/biografia/b/bunge_carlos.htm. Acesso em: 21 fev. 2023.

GREJO, Camila. *Carlos Octavio Bunge e José Ingenieros: entre o científico e o político*. Pensamento racial e identidade nacional na Argentina (1880-1920). Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2009.

GOUVEIA, Regiane Cristina. *América Latina enferma: racismo e positivismo no pensamento político latino-americano em fins do século XIX e início do século XX*. 2016. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2016.

HALE, Charles A. As ideias políticas e sociais na América Latina, 1870-1930. *In: BETHELL, Leslie (org.). História da América Latina de 1870 a 1930*. Tradução Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília, DF: Fundação Alexandre de Gusmão, 2009. v. 4.

JAUREGUI, Carlos. *Calibán, icono del 98. A propósito de un artículo de Rubén Darío*. Disponível em: <https://www.ensayistas.org/filosofos/nicaragua/dario/Jauregui.htm>. Acesso em: 3 out. 2019.

LYNCH, John. *Argentine Caudillo: Juan Manuel de Rosas*. 2. ed. Wilmington: Scholarly Resources, 2009.

MONTEIRO, Pedro Meira *A queda do aventureiro: aventura, cordialidade e os novos tempos em Raízes do Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

NEWCOMB, Robert P. *Nossa and nuestra América: Inter-American Dialogues*. Indiana: Purdue University Press West Lafayette, 2012.

PRADO, Maria Lígia. Repensado a história Comparada da América Latina. *Revista de História*, [s.l.], n. 153, p. 11-33, 2005. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19004>. Acesso em: 2 fev. 2018.

SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo: civilização e barbárie*. 4. ed. Nova York, 1868.

SENRA, Iara Andrade. *Identidade ibérica & democracia: a identidade étnica e sua relação com a modernidade em Carlos Octavio Bunge, Francisco García Calderón e Sérgio Buarque de Holanda*. Curitiba: Brazil Publishing, 2019.

TERÁN, Óscar. Carlos Octavio Bunge: entre el científico y el político. *Prismas: Revista de História Intelectual*, [s.l.], n. 2, p. 95-11, 1998.

TERÁN, Oscar. Carlos Octavio Bunge: raza y Nación. In: TERÁN, Oscar. *Vida intelectual en el Buenos Aires 'fin-de-siglo (1880-1910): derivas de la "cultura científica"*. Buenos Aires: Ed. FCE, 2000.

VALLEJO, Gustavo. *El pensamiento latinoamericano del siglo XX ante la condición humana*. [S.l.: s.n.], 2004. Disponível em: https://www.ensayistas.org/critica/generales/C-H/peru/intelectualidad_peruana_tomoI.pdf. Acesso em: 12 fev. 2019.

WEINBERG, Liliana. "Ensayo e interpretación de América". In: VEGA, Mercedes de (coord.). *La literatura hispano-americana*. México: Secretaría de Relaciones Exteriores: Dirección General del Acervo Histórico Diplomático, 2001.

Recebido em: 09/06/2022 - Entregue em: 06/03/2023